

CORREIO POLÍTICO

Rudolfo Lago/Correio da Manhã



O que querem Kassab e Caiado é que haja segundo turno

Caiado e Flávio têm pacto de não agressão. Saiba por quê

O Correio Político participou de entrevista com o candidato do PSD à Presidência, Ronaldo Caiado, ao programa Direto de Brasília, do jornalista Magno Martins. E perguntou diretamente a Caiado: "O senhor se posicionou de maneira geral sobre a crise do Banco Master. Mas nada disse exatamente sobre o envolvimento de Flávio Bolsonaro e suas explicações. Qual, então, a sua avaliação sobre isso?" Caiado saiu pela tangente. Embora tenha admitido que o episódio desgasta Flávio, o candidato do PL, disse que não faria juízo de valor e que a Flávio é que caberia dar explicações a seus eleitores. Caiado deixou claro uma espécie de pacto de não agressão com Flávio. E há razões políticas e eleitorais para isso.

Acordo de apoio mútuo

"Esse é um momento que requer muita habilidade para chegar ao segundo turno sem prejudicar o acordo que temos", respondeu Caiado. E qual seria esse acordo? Entre os candidatos da centro-direita, disse Caiado, estabelece um compromisso de apoio a quem deles chegar ao segundo turno. Então, claramente Caiado evita ataques diretos a Flávio Bolsonaro. Flávio hoje é quem está mais próximo no campo conservador do segundo turno.

Andressa Anholete / Agência Senado



Votos perdidos de Flávio podem ajudar Lula

O que se quer é segundo turno

O que Caiado não diz claramente, mas apurou o Correio Político, é que esse pacto de não agressão hoje tem principalmente o propósito de garantir que Lula não venha a vencer a eleição no primeiro turno. A leitura das pesquisas que foram divulgadas na semana passada e nesta semana após o caso Flávio/Master apontariam que boa parte da queda de Flávio não se reverteu em votos para Lula. Nem para os demais candidatos na disputa. Aumentou o número de indecisos. E isso, no fundo, acaba também por beneficiar Lula, que lidera a corrida eleitoral.

Eleição só conta votos válidos

Um número maior de indecisos ajuda Lula por uma razão. O sistema eleitoral brasileiro só contabiliza os votos válidos. Se em outubro o número de votos em Flávio Bolsonaro cair e esses votos não forem para outros candidatos, forem nulos ou em branco, o universo de eleitores diminui. Se Lula mantiver seus votos, o percentual total dele aumenta.

POR
RUDOLFO LAGO

11 pontos

Tomando-se a pesquisa Datafolha da semana passada, Lula aparece com 40% no primeiro turno. Para já ser eleito, precisaria subir 11 pontos. Difícil que ele cresça isso somando novos eleitores. Mas pode conseguir se o universo de votantes diminuir. Lula abriu uma vantagem de nove pontos sobre Flávio, com 31%.

"É o que quer"

Na entrevista, Caiado disse que "tudo o que Lula quer" é que ele ataque Flávio Bolsonaro. Então, ele não faria isso. O problema de Caiado: o compromisso de vir a apoiar Flávio no segundo turno é mais dele do que propriamente do seu partido, o PSD, e do seu comandante, Gilberto Kassab.

Kassab

Kassab tem permitido a Caiado bater forte em Lula. Mas ele próprio não faz isso. Ele sabe que parte de seu partido tem compromisso com Lula e não muda nem mesmo para apoiar Caiado no primeiro turno. Para pegar só um caso, isso já foi claramente declarado pelo senador Otto Alencar na Bahia.

Segundo turno

Por razões diversas, no entanto, todos desejam que venha a acontecer o segundo turno. Caiado pelo declarado pacto de centro-direita para derrotar Lula. E Kassab e parte do PSD é porque somente assim teriam cacife para negociar apoio. Se Lula vier a ser capaz de liquidar a fatura no primeiro turno, fará isso sem precisar da ajuda do PSD.

Zema

Ao contrário de Caiado, o candidato do Novo, Romeu Zema, partiu para o ataque sobre Flávio. A avaliação no PSD é que ele pode ser mais "guerrilheiro". Pertence a um partido menor. Não tem os compromissos do PSD com candidaturas a governador e o Parlamento. Mas agora ensaia uma aproximação.

Planos

Outra razão de o PSD adotar tom mais cauteloso é a sua estratégia nos estados, onde trabalha para ampliar alianças para todos os lados possíveis. O PSD tem hoje 49 deputados. Planeja eleger 75. E considera que tem hoje pelo menos dez candidatos a governador com chances reais. Não seria hora de marola.



Flávio reuniu-se por 30 minutos com Marco Rubio

Flávio amplia contatos com equipe de Trump

Senador esteve com vice e secretário de Estado

Por Rudolfo Lago

Um dia depois de ter se encontrado e posado para foto no Salão Oval com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, o senador Flávio Bolsonaro (RJ), candidato do PL à Presidência, encontrou-se em Washington com o vice-presidente norte-americano, J.D. Vance, e com o secretário de Estado, Marco Rubio.

Cargo que não existe no Brasil, o Secretário de Estado é o ministro mais importante do governo dos EUA. Reúne funções de chanceler (ministro de Relações Exteriores) com articulação política.

O encontro amplia a rede de apoio a Flávio no governo dos EUA. Como mostrou o Correio Político, a aproximação com os Estados Unidos é classificada como um trunfo para a campanha de Flávio pela proximidade ideológica que o candidato tem com o segmento de direita, que é o mesmo de Trump. Os encontros teriam esse significado de apoio político à sua candidatura.

PCC e CV

No encontro com Marco Rubio, Flávio ampliou a conversa que teve com Trump. Novamente, ele discutiu a possibilidade de os EUA enquadrarem facções criminosas, como o PCC e o Comando Vermelho, como terroristas.

Algo que vai na linha con-

trária do que defende o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que alega que isso seria um risco à soberania brasileira. O enquadramento como terrorismo justificaria a possibilidade de uma intervenção dos EUA no país caso considere que a situação põe o país hoje governador por Trump em perigo.

Flávio Bolsonaro afirmou que Rubio mostrou-se favorável à medida. Flávio disse, porém, que tal classificação não teria avançado porque Trump teria considerado um pedido de Lula para que a mudança não acontecesse durante o seu governo. Segundo Flávio, o encontro com Rubio durou cerca de 30 minutos.

Já a reunião com J.D. Vance, segundo o senador, girou em torno das eventuais restrições à liberdade de expressão no Brasil.

Flávio Bolsonaro visitou ainda o Departamento de Estado norte-americano, onde conversou com o vice-secretário Christopher Landau e com o conselheiro para Assuntos Brasileiros, Darren Beattie. Ele é o assessor de Trump que teve o visto no Brasil negado numa medida de reciprocidade pelos Estados Unidos terem negado o visto do ministro da Saúde, Alexandre Padilha. Em março, Beattie viria ao Brasil para participar de um evento sobre minerais críticos e terras raras e para visitar o ex-presidente Jair Bolsonaro, em prisão domiciliar em Brasília.